



Simpósio

Territórios, Memória, Reexistências e Patrimônio

23 a 25/03 de 2026
UFFS - Campus Chapecó

A SUBALTERNIDADE DE GÊNERO EM NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS REGIONAIS ¹

Letícia Sgarbossa ²
Renilda Vicenzi ³

RESUMO

O presente trabalho analisa como as mulheres, enquanto categoria generificada, são representadas e/ou silenciadas em narrativas memorialísticas produzidas sobre o processo de colonização do Oeste Catarinense, com foco no município de Seara, entre as décadas de 1920 e 1980. Parte-se do entendimento de que a memória regional foi construída, em grande medida, a partir de obras de caráter memorial que privilegiam trajetórias masculinas, associadas à figura do homem branco, cristão e proprietário de terras, identificado como colono por adquirir a propriedade em lotes localizados em áreas consideradas vazias e denominadas colônias. Essas narrativas reforçam um imaginário patriarcal que marginaliza ou silencia a participação das mulheres nos processos de construção econômica, social e cultural da região. Nesse sentido, a memória oficial, cristalizada em livros comemorativos e materializada em nomes de ruas, praças e outros espaços públicos, evidencia a ausência feminina nos lugares de prestígio e decisão. Tal apagamento não se limita ao plano discursivo, configurando-se como um processo estrutural de longa duração. Ainda que produzidas a partir de posições sociais distintas, essas narrativas tendem a reproduzir uma lógica androcêntrica que naturaliza a exclusão das mulheres ou as restringe a papéis secundários. O estudo insere-se no campo da História das Mulheres e dos Estudos de Gênero, mobilizando o gênero como categoria de análise, conforme proposto por Joan Scott, e dialogando com autoras como Margareth Rago, Mary Del Priore e Gayatri Chakravorty Spivak. Metodologicamente, realiza-se uma leitura crítica de cinco obras memorialísticas produzidas na região, atentando-se aos mecanismos de apagamento, subalternização e enquadramento das mulheres, frequentemente associadas ao espaço doméstico, ao cuidado, à religiosidade e ao papel de “apoio” aos homens. A pesquisa ainda está em andamento e, como resultados esperados, aponta-se que a subalternização feminina nas narrativas sobre a colonização se manifesta como um fenômeno estrutural, atravessado pelas relações de gênero e classe. Os dados analisados indicam que, mesmo quando reconhecidas, as mulheres têm sua atuação recorrentemente vinculada a figuras masculinas ou limitada ao espaço doméstico e comunitário. Por fim, o trabalho busca contribuir para os estudos sobre memória, gênero e história regional, propondo uma releitura crítica das narrativas colonizadoras no Oeste Catarinense.

¹ Texto apresentado no Simpósio Territórios, Memória, Reexistências e Patrimônio (UFFS), de 23 a 25 de março de 2026

² Graduanda do curso de Licenciatura em História na Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Chapecó.
Leticia.sgarbossa@estudante.uffs.edu.br

³³ Doutora em História. Professora na Universidade Federal da Fronteira Sul - campus Chapecó.
renilda.vicenzi@uffs.edu.br



Simpósio

Territórios, Memória, Reexistências e Patrimônio

23 a 25/03 de 2026
UFFS - Campus Chapecó

Palavras-Chave: História das Mulheres. Gênero. Subalternidade. Colonização.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890–1930)*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71–99, 1990.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.